

***Bodenlos* em conversação: narrativa entre discursos e diálogos autobiográficos¹**

Miriam Cristina Carlos Silva²
Tadeu Rodrigues Iuama³

Resumo: O convite ao encontro com a palavra-princípio Eu-Tu, feito por Martin Buber, figura como horizonte ético no pensamento de Vilém Flusser. A partir de conceitos defendidos pelo ensaísta tcheco-brasileiro, tais como conversação, discurso e diálogo, o presente artigo visa interpretar a produção textual do próprio autor – aqui, especificamente na autobiografia *Bodenlos*. Como aporte metodológico, pela própria natureza da pesquisa, utiliza-se de pesquisa bibliográfica e, condizente com o referencial teórico, privilegia a interpretação no lugar de instrumentos analíticos. Como resultados, indica a manifestação da definição de comunicação proposta por Flusser – a relação entre diálogos e discursos – nas narrativas produzidas pelo próprio autor.

Palavras-chave: Comunicação. Narrativas. Autobiografia. Eu-Tu. Vilém Flusser.

1 Introdução

O presente texto visa colocar a narrativa *Bodenlos*, de Vilém Flusser, como sujeita à leitura a partir de conceitos do próprio autor, tal como a conversação, o discurso e o diálogo – este último, indissociável da palavra-princípio Eu-Tu, de Martin Buber.

Para tanto, fazemos uso da pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2010) como aporte metodológico. A partir disso, traçamos nossas próprias reflexões – caminho coerente com o processo proposto pelo próprio Flusser (2002), para quem “o último significado da obra é deslocado, pela morte, do intelecto do autor para os intelectos dos seus interlocutores”, uma vez que “toda frase de obra de pensador morto aponta para o intelecto que a recebe” (FLUSSER, 2002, p. 114).

Trata-se, ainda, de procedimento coerente, levando-se em conta a afirmação de Flusser sobre a Teoria da Comunicação como “uma disciplina interpretativa, inserida no campo das Ciências Humanas, já que ela necessita criar significados e interpretar os fenômenos muito mais do que explicá-los” (SILVA, 2013, p. 269). Para ele, uma coisa se torna natureza na medida em que é explicada, ou se torna espírito na medida em que se

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Narrativas contemporâneas nas mídias do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

² Docente do PPGCC (Uniso), Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), miriam.silva@prof.uniso.br.

³ Pós-doutorando (Uniso), Doutor em Comunicação e Cultura (Unip), tadeu.rodrigues.iuama@gmail.com.

interpreta. Oferece o exemplo da nuvem, que se torna um fenômeno diferente para um meteorologista e para um comunicólogo. Neste trabalho, pretendemos exercitar a interpretação do fenômeno que são as narrativas de Vilém Flusser.

Apontamos para a pertinência de tal estudo devido ao fato de que, embora teórico presente nas discussões da área, a própria manifestação das comunicações do autor – referida como ficção filosófica, termo cunhado por Gustavo Bernardo – ainda encontra espaço profícuo para reflexões. Nesse sentido, nossa hipótese é a de que a própria escrita de Flusser pode ser interpretada sob a luz dos conceitos por ele defendidos.

Dado o caráter polivalente da obra do ensaísta desenraizado, com discussões que perpassam a comunicação, a cultura, a sociedade, as tecnologias, os jogos, a linguagem, a religião, a política, o existencialismo, a literatura e a história – para ficar em apenas alguns exemplos –, consideramos relevante a busca por ampliar as reflexões de um autor cuja biografia permitiu, simultaneamente, um olhar íntimo e exterior à cultura brasileira. Similarmente, ainda hoje – trinta anos após o seu ocaso –, seu olhar tanto sincrônico quanto diacrônico dos processos comunicacionais oferece pistas valiosas para compreendê-los.

Destacamos ainda o valor de se evidenciar uma perspectiva comunicacional, como é o caso da flusseriana, que celebra uma postura ética pautada pelo respeito ao outro, que privilegia a intersubjetividade, isto é, a concepção do sujeito como constituído por suas relações. Nesse sentido, num contexto social pautado por intolerâncias, polarizações e extremismos, somados à hiper-objetivação de nossas conexões interpessoais, (re)ler Flusser se faz atual e necessário.

2 Conversas e Conversações

Em seu primeiro livro publicado no Brasil, em 1963, Flusser (2007a) reflete, fenomenologicamente, sobre a linguagem. Situa, em síntese, a realidade como uma característica da linguagem, de maneira a excluir qualquer possibilidade de acessarmos qualquer fenômeno que não seja mediado pelas línguas. Poliglota, reconhece inclusive que, ao alterarmos a língua, alteramos a própria realidade.

A partir desse diagnóstico, defende que a língua é situada entre dois polos do nada: num deles, a impossibilidade de articulação leva ao silêncio autêntico, enquanto no outro, a impossibilidade de definição leva ao silêncio inautêntico. Da relação com o silêncio

autêntico, emana nossa conexão com o transcendente, expressa em linguagem por meio da oração – daí, a afirmação de que a religiosidade é, essencialmente, de onde flui nosso senso de realidade (FLUSSER, 2002). Por outro lado, do silêncio inautêntico origina-se o balbuciar, o impossível de ser definido e articulado em palavras – linguagem inautêntica. A (Figura 1) explicita tal relação.

Figura 1 – Gráfico da relação entre Língua e Realidade



Fonte: Flusser, 2007a, p. 268.

Ao tocar o equador entre esses dois polos, situamos o que percebemos/concebemos como realidade. Nossa relação linguística, nesse nível, dá-se pela conversação e pela conversa (fiada), camadas que “consistem de redes que podem ser consideradas, subjetivamente, como formadas por intelectos que irradiam e absorvem frases, e, objetivamente, como formadas por frases que se cruzam em intelectos” (FLUSSER, 2007a, p. 181-182). Para o autor, pensar e formular frases são processos indissolúveis nessa camada – já que em outras, como é o caso da poesia e da oração, o

processo de formular frases passa a ter relação mais íntima com o sentir do que com o pensar.

A camada da conversa “é composta de detritos da conversação que penetram imperceptivelmente, qual o detrito do *plankton* no mar, em camadas inferiores. A expressão portuguesa *conversa fiada* exprime excelentemente essa situação” (FLUSSER, 2007a, p. 167). No que diz respeito à cibernética (WIENER, 1968) como uma das bases teóricas de Flusser, a conversa possui relação direta com a entropia, termo emprestado da termodinâmica que diz respeito à tendência inexorável à desordem. Embora não seja caracterizada ainda pelo excesso de ruído, é patente a redundância como fundamento da conversa. Conversa é, grosso modo, um ecoar improdutivo e determinado.

Quando existe equilíbrio entre redundância e ruído, ou seja, quando os envolvidos têm o suficiente de linguagem comum para que se compreendam e o suficiente de linguagem incomum para que possam ampliar o repertório uns dos outros, temos a possibilidade de gerar informação, fenômeno negentrópico por princípio. É justamente a afinidade com a informação que caracteriza a conversação, ao contrário da conversa fiada. “Formam-se frases, isto é, surgem *informações*, e estas são emitidas e tornam-se *mensagens*” (FLUSSER, 2007a, p. 162). Existe autenticidade no processo de irradiação, absorção e cruzamento de frases.

Consideramos pertinente apontar que informação, nesse contexto, é tratada num sentido amplo. Escapa de qualquer utilitarismo ou instrumentalização. Tudo aquilo que é fruto do processo de incorporação de um ruído pela linguagem é informação, independentemente de sua aplicação futura. Tampouco diz respeito àquilo que lemos nos jornais – embora uma notícia de jornal possa informar, por vezes ela também pode ser deveras redundante ou ruidosa. A expressão popular *falar como uma maritaca* ganha um sentido completamente novo na primeira vez que vemos e, principalmente, ouvimos uma maritaca. Deixa de ser conversa e passa a ser conversação, já que houve a incorporação do que outrora era um ruído. Informou. Assim:

A constante formação de novas frases, isto é, o constante reagrupamento de palavras de acordo com as regras de diversas línguas em formações novas, o surto, portanto, de sempre novas informações, faz com que o território da conversação cresça constantemente. Neste sentido a conversação é produtiva. Ela expande o território da realidade e lhe submete novas regiões de relações antes não estabelecidas (FLUSSER, 2007a, p. 162-163).

Cabe ressaltar que, nesse ponto da reflexão de Flusser, embora a expansão da realidade admita uma dimensão ética – frases como *tivemos uma presidenta*, por exemplo, demonstram uma expansão da realidade no sentido de mitigar os males do machismo –, em alguns casos, tal expansão não é salutar, tal como quando incorporamos termos como judiação e denegrir, termos por excelência racistas, como pertinentes ao nosso vocabulário – e à nossa realidade – usual.

3 Eu-Isso e Eu-Tu

Um dos temas transversais na obra de Flusser é a intersubjetividade. No que diz respeito à relação com o item anterior, observamos que:

O clima que prevalece na camada da conversação é de intelectos realizados pelo contato com outros. Os intelectos são abertos uns para os outros, são reais não por estarem *aqui* (*Dasein*), mas por estarem *juntos* (*Mitsein*). Os intelectos absorvem informações emitidas por outros, isto é, aprendem e compreendem, e emitem informações novas, isto é, articulam (FLUSSER, 2007a, p. 165-166).

Ainda nesse sentido, Flusser (2007a, p. 170) chega a afirmar que “o intelecto, sendo um processo, só é real na medida em que participa da conversação”. Para Flusser, a cisão entre sujeito e objeto culmina num mundo constituído por programas, com seus aparelhos (objetos programados) e funcionários (sujeitos programados). Como alternativa a esse diagnóstico, aposta – no sentido atribuído por Pascal (1958) – na intersubjetividade, ou seja, nos indivíduos projetando-se uns aos outros, em situação de engajamento e responsabilidade.

Uma das mais relevantes influências de Flusser para tal posicionamento é o filósofo Martin Buber (2001, p. 51), para quem “não há Eu em si, mas apenas o Eu da palavra-princípio Eu-Tu e o Eu da palavra-princípio Eu-Isso”. Em suas palavras-princípio, Buber aponta para a dualidade do ser humano, que a partir de suas atitudes interage com o mundo de maneiras distintas.

Numa interação objetiva com o mundo (Eu-Isso), o humano experimenta as coisas – e coisas, aqui, se referem tanto aos objetos (Isso) quanto a um olhar objetificado(r) para outros seres humanos (Ele ou Ela). “O experimentador não participa do mundo: a

experiência se realiza ‘nele’ e não entre ele e o mundo. O mundo não toma parte da experiência” (BUBER, 2001, p. 53).

Já na interação intersubjetiva com o mundo (Eu-Tu), o humano se relaciona. Ressaltamos que, de acordo com Buber (2001), relação é reciprocidade. Ao contrário da experiência Eu-Isso, mediada por (pré-)conceitos, a relação Eu-Tu é imediata, de maneira a constituir um mundo das relações, do qual a pessoa, ao encontrar-se nele e com ele, se torna partícipe. Tal mundo compreende três esferas:

A primeira é a vida com a natureza. Nesta esfera a relação realiza-se numa penumbra como aquém da linguagem. [...] A segunda é a vida com os homens. Nesta esfera a relação é manifesta e explícita: podemos endereçar e receber o Tu. A terceira é a vida com os seres espirituais. Aí a relação, ainda que envolta em nuvens, se revela, silenciosa mas gerando a linguagem (BUBER, 2001, p. 53).

Assim, assumir a palavra-princípio Eu-Tu não corresponde apenas a uma postura ética em relação aos outros seres humanos – foco do presente texto –, mas também em questões ambientais (GABRIEL; SILVA, 2019) e religiosas (PICHIGUELLI; SILVA, 2017). É pertinente apontar que tanto Buber (2001) quanto Flusser (2007a), quando se referem ao supralinguístico, aproximam as relações humanas das relações religiosas. Nesse sentido, cabe apontar que a palavra *religare*, origem latina do português religião, é “formada pelo prefixo *re* (outra vez, de novo) e o verbo *ligare* (ligar, unir, vincular). O *religare*, nesse sentido, é a forma primeira de vínculo, concebida não só como vínculo entre os homens e os deuses, mas especialmente entre os próprios homens” (MIKLOS, 2012, p. 18).

Ressaltamos que a palavra-princípio Eu-Isso depende de um Eu cristalizado, que impõe suas concepções pré-predicativas ao experimentar algo, de modo que:

O Eu da palavra-princípio Eu-Isso, o Eu, portanto, com o qual nenhum Tu está face-a-face presente em pessoa, mas é cercado por uma multiplicidade de “conteúdos” tem só passado, e de forma alguma o presente. Em outras palavras, na medida em que o homem se satisfaz com as coisas que experiencia e utiliza, ele vive no passado e seu instante é privado de presença. Ele só tem diante de si objetos, e estes são fatos do passado. Presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós. Objeto não é duração, mas estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência de presença. O essencial é vivido na presença, as objetividades no passado (BUBER, 2001, p. 58).

Contudo, não se pode viver exclusivamente no presente (embora muitos vivam exclusivamente no passado). Por isso, similar ao que acontece entre conversação e conversa, em que “os intelectos realizados em conversação projetam-se da camada da conversa ou tendem a decair nela” (FLUSSER, 2007a, p. 169), “cada Tu, após o término do evento da relação *deve* necessariamente se transformar em Isso. Cada Isso *pode*, se entrar no evento da relação, tornar-se um Tu” (BUBER, 2001, p. 71). O motivo da transitoriedade da conversação, que consideramos ser aplicável também à relação, é que os indivíduos:

À medida que são realizados, participam da conversação, isto é, apreendem, compreendem e articulam. À medida que ainda não são realizados, ou à medida que não conseguem mais realizar-se, deixam de apreender e compreender, refletem surdamente frases, participam da conversa. À medida, portanto, que são realizados, são livres, e à medida que ainda ou já não são realizados, são determinados. O intelecto, sendo um processo, só é real na medida em que participa da conversação, e a conversa é somente o último estágio irreal, logo fictício, na realização do intelecto (FLUSSER, 2007a, p. 169-170).

Posteriormente, Flusser atrelaria o olhar cibernético que repousa na linguagem, visto em *Língua e Realidade*, a uma postura ética, herdeira de sua influência buberiana. A esse aglutinamento entre conversação e relação, Flusser dá, em alusão à “verdadeira transformação da comunicação em comunhão” de Buber (2014, p. 37), o nome de comunicação.

4 Discursos e Diálogos

Ao definir sua teoria da comunicação humana – comunicologia – como “aquele processo graças ao qual informações adquiridas são armazenadas, processadas e transmitidas”, Flusser (2014, p. 45) aponta para uma abordagem tripartite da comunicação. A primeira delas é um olhar para a cultura, “aquele dispositivo graças ao qual as informações adquiridas são armazenadas para que possam ser acessadas” (FLUSSER, 2014, p. 45). Cabe ao estudo da cultura acessar as memórias (informações armazenadas) e, por conseguinte, apreender a matéria-prima comunicacional, já que as

características da cultura (tais como a oralidade, a materialidade, a escrita e/ou a telemática) implicam em possibilidades comunicacionais distintas.

As duas outras abordagens – transmissão e processamento de informações – são focais no presente estudo. Ao “método pelo qual as informações que estão depositadas em uma memória são transmitidas a outros”, Flusser (2014, p. 50) nomeia discurso, enquanto ao “método graças ao qual informações que estão depositadas em duas ou mais memórias são trocadas para conduzir a novas informações”, Flusser (2014, p. 49-50) nomeia diálogo. Embora sejam etapas distintas,

[...] discurso e diálogo devem estar acoplados para que a comunicação aconteça, pois no discurso são distribuídas informações que foram anteriormente elaboradas no diálogo, e no diálogo são trocadas informações que anteriormente penetraram na memória graças a um discurso (FLUSSER, 2014, p. 50).

No desequilíbrio entre ambos, a sociedade sofre com o elitismo (prevalência de diálogos) e com o totalitarismo (prevalência de discursos). Isso porque ou a informação não circula, exceto em guetos de privilegiados – tais como, notoriamente apontados por Flusser, a Ciência e a Arte –, ou uma massificação não permite que novas informações sejam sintetizadas. Dessa maneira, apresentam-se os dois limites do diálogo:

Primeiro: quando as informações em duas memórias se assemelham muito, o diálogo é redundante. As pessoas que têm mais ou menos as mesmas informações não podem dialogar entre si. Segundo: quando informações completamente diferentes estão depositadas em duas memórias, então os diálogos são impossíveis, porque toda informação de uma é ruído para a outra. Se eu falar exclusivamente tcheco e vocês, exclusivamente suaíli, não poderemos nos entender (FLUSSER, 2014, p. 50).

É patente a correlação com a neguentropia já presente no conceito de conversação (FLUSSER, 2007a). Contudo, nesse caso, o ensaísta adiciona dinâmica ao processo: ao adquirir uma nova informação, seja por meio das transmissões discursivas ou dos processamentos dialógicos, essa informação é armazenada – torna-se memória –, o que faz com que novos elementos estejam disponíveis para serem futuramente processados e/ou transmitidos. A conversação Eu-Tu tende ao *empate*, ou seja, à situação em que novas informações não podem mais ser processadas. Mas isso não significa que, na

próxima vez que ocorrer um encontro entre essas mesmas pessoas, novas informações não poderão ser processadas – afinal, em contato com outros discursos e diálogos, as memórias dessas pessoas são ampliadas, de maneira que terão novos elementos informativos a serem processados.

Para além da questão informativa *per se*, destaca-se a intersubjetividade, ou seja, a tendência do sujeito de se projetar rumo a outros sujeitos – uma relação Eu-Tu (BUBER, 2001) – como contraponto à objetivação aparelhística e programática, também presente em nossa sociedade, na qual discursos massificantes e diálogos elitizantes convivem, sem se relacionar. Experimentam-se, talvez apontasse Buber (2001).

5 *Bodenlos*: A narrativa por uma tessitura dialógica

A obra de Vilém Flusser apresenta-se como uma intensa conversação, atestado de sua discussão sobre a importância dos diálogos para equilibrar os discursos e produzir novas informações, processo este que envolveu suas próprias memórias, portanto, uma relação com um passado de estrangeiro, descrita em *Bodenlos: Uma autobiografia filosófica*, publicado originalmente em 1994, primeiramente em alemão.

A obra se abre com o título *Monólogo*, que traz, em *Atestado da Falta de Fundamento*, o significado do título do livro, a ausência de raízes, a falta de chão, de sentido e de razão para a existência, o que impulsiona para a dúvida e, conseqüentemente, para o adiamento da morte. Flusser (2007b, p. 20) explica que: “O termo absurdo significa originalmente sem fundamento, no sentido de sem raízes. Como é sem fundamento uma planta posta em vaso. Flores na mesa do jantar são exemplos de uma vida absurda”.

É na falta de fundamento, experiência privada e solitária, que surgem as religiões, métodos “de proporcionar fundamento” (FLUSSER, 2007b, p. 20). Essa experiência da falta de fundamento é que motiva a escrita de uma autobiografia, como se o narrar pudesse aplacar minimamente o absurdo, tornando-se a própria narrativa uma forma de fundamentar parcialmente a nossa existência, como atesta o próprio Flusser, ao tratar da narrativa autobiográfica:

A experiência da falta de fundamento não pode ser precipitada em literatura, filosofia e arte sem ser falsificada. Pode apenas ser circunscrita em tais formas, para ser parcialmente captada. Mas é possível atestá-la, de maneira direta, autobiograficamente: na esperança de que tal atestado sirva de espelho para outros. É este (e não, assim

espero, vaidade ou vontade de auto-afirmação) o motivo do presente livro (FLUSSER, 2007b, p. 21).

Na sequência, o autor narra as lembranças de uma Praga Entre as Guerras, que ofereceu a marca indelével de uma cultura que impôs dois idiomas e, portanto, duas visões de mundo; colocadas em choque com A Invasão Nazista, que produziu um sentimento ambíguo: “Assim Praga morreu. Nos últimos dias passávamos por suas ruas impregnadas de mil memórias como por cidade estranha” (FLUSSER, 2007b, p. 33); uma sensação descrita como inesperada, a de libertação vertiginosa, pois que: “Doravante não se pertencia mais a ninguém e a lugar nenhum, era-se independente” (FLUSSER, 2007b, p. 39).

E em A Inglaterra Sitiada, que compõe a última parte do Monólogo, Flusser (2007b, p. 43) relata: “A gente apostava que a Alemanha ia ocupar a França e a Inglaterra, portanto que a gente ia ser assassinada”. Assim, Flusser abandona a Europa e migra para um território no qual poderia abandonar por completo a realidade.

Essas lembranças dão conta de ressaltar os contrastes entre a pátria deixada junto com suas complexas convergências: o judeu tcheco-alemão, para o desenraizado (*bodenlos*) pela guerra, que chega em terreno brasileiro (e mais que tudo, paulista) para abandonar a realidade. Aqui a narrativa que toma corpo envolve A Guerra em São Paulo, descrita como um jogo entre São Paulo e Praga, possível somente “porque se baseava sobre o jogo mais fundamental do amor e do suicídio: brincava-se sempre com a ideia de matar-se. E brincar com o suicídio proporciona a liberdade do jogo entre os tempos e com os tempos” (FLUSSER, 2007b, p. 49).

Tal liberdade reaparece em O Jogo do Suicídio e do Oriente, no qual narra que: “O Oriente interessava apenas como método para a transformação do pensamento em objeto do não-pensamento” (FLUSSER, 2007b, p. 65); e, ainda, no capítulo A Natureza Brasileira, apontada pelo ensaísta como motivo de levá-lo a um engajamento em cultura, assumido como engajamento contra sua própria natureza, uma espécie de suicídio.

A partir de A Língua Brasileira, o autor descreve uma dialética existencial pela qual passou a utilizar o engajamento na língua portuguesa como instrumento, “mediação de um engajamento em prol de uma realidade supra-linguística (que era a sociedade brasileira)” (FLUSSER, 2007b, p. 91). Em outras palavras, Flusser se deixou dominar pela

língua portuguesa a fim de que pudesse dominá-la, engajando-se a fim de utilizar esse engajamento em prol da sociedade brasileira, tornando-se escritor brasileiro.

É neste percurso narrativo-descritivo, entre a infância em Praga e o tornar-se tcheco-brasileiro autodidata, sem formação superior validada para atuação na academia – o que não o impediu de se tornar professor e intelectual reconhecido, tendo atuado em instituições como a Fundação Armando Álvares Penteado, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica e a Universidade de São Paulo –, que a conversação se desenvolve e, das memórias de um eu que se observa como um tu, uma outra versão de si mesmo, passa ao eu-tu com outros, seus pares e ímpares.

Assim, a autobiografia se faz na relação com outros a partir de Diálogos, sequência em que o autor retoma a discussão dos conceitos de discurso e diálogo, explicando que, levando-se em conta a noção de informação, há diferenças fundamentais entre o diálogo e o discurso. Para Flusser (2007b), o discurso possui caráter tradicional, porque o receptor está ligado às fontes informativas da cultura; conservador, porque preserva as informações dessa cultura; dinâmico, por transportar informações do passado ao futuro; e progressivo, porque ramifica as informações a um número sempre crescente de receptores, fazendo com que estas penetrem em camadas cada vez mais amplas.

No discurso, há um clima existencial, segundo Flusser (2007b), no qual se engajam publicistas, líderes carismáticos, pregadores, professores, que estão em posse de informações válidas, ou seja, de valores que serão transmitidos a outros. É nesse posicionamento que o autor se coloca em *Bodenlos* ao tratar de seu engajamento assumido como professor universitário e jornalista.

Já o diálogo é um processo no qual detentores de informações parciais ou duvidosas, ou ainda, segundo Flusser (2007b), duvidadas, trocam essas informações, a fim de alcançar síntese que leve à informação nova. O diálogo é, conclui o autor, revolucionário, por visar salto a partir de um nível contraditório que chega a tético (com a nova informação aceita pelos participantes do processo).

O diálogo também é circularmente não-progressista, porque estruturalmente trata-se de um circuito fechado – ainda que o número de participantes possa aumentar gradativamente – e porque a síntese alcançada pode não ultrapassar o círculo dos participantes. Seu clima existencial envolve o engajamento de políticos (que, para o autor, são aqueles que estão em relação e produzem intersubjetividade), filósofos, artistas e

ensaístas. Aqui, Flusser (2007b) trata da condição existencial sua e daqueles com os quais buscou engajamento. Para ele, os engajados no diálogo possuem informações duvidosas e duvidadas e dedicam suas vidas a colocar tais informações à prova, a fim de alcançar informação válida, ou seja, valores.

Colocando-se à prova, Flusser (2007b) apresenta os contatos significativos estabelecidos ao longo de sua vida, frutos da troca de experiências com intelectuais brasileiros e estrangeiros radicados no Brasil, com os quais estabelecia um contato contínuo, polêmico e provocador, uma conversação interdisciplinar e multitemática, na qual partilhava de reflexões com interlocutores com funções sociais e posições políticas diversas, o que não excluía simpatizantes da extrema direita. Entre eles, os elencados em *Bodenlos*: Alex Bloch, Milton Vargas, Vicente Ferreira da Silva, Samson Flexor, João Guimarães Rosa, Haroldo de Campos, Dora Ferreira da Silva, José Bueno, Romy Fink, Miguel Reale e Mira Schendel.

Vilém Flusser, poliglota e ciente de que cada língua compõe uma nova forma de acessar o mundo, naturalizou-se brasileiro na década de 50 e assumiu a língua portuguesa. E foi a partir da cidade de São Paulo que o ensaísta pensou a realidade brasileira: produziu uma vasta bibliografia, além de escrever regularmente para jornais como O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Sua relação com o Brasil envolveu uma longa trajetória, que culmina em livro publicado originalmente em alemão, *A Fenomenologia do Brasileiro: Em Busca de um Novo Homem*. Assim, para fechar um ciclo de mergulho na cultura brasileira, o ensaísta parece empreender um diálogo com o tcheco-alemão desenraizado e retornado à Europa, após sua imersão em outro mundo, um território “inteiramente exótico e fantástico” (FLUSSER, 2007b, p. 46) no qual fora “automaticamente sombra” (FLUSSER, 2007b, p. 46), passando a um engajamento, tornando a ele mesmo detentor de uma nova língua, um novo homem a ser lembrado pelo mundo da língua alemã.

Foi também com a língua portuguesa e a cultura brasileira (além do inglês, francês e alemão) que o ensaísta estabeleceu um constante diálogo consigo, com os fenômenos e com os outros de suas relações. Em seus textos, construiu cenários sobre temas diversos, da filosofia à linguagem, passando pela fenomenologia à teoria das mídias e às artes. Com o uso do ensaio, incitou e incita ainda seus leitores à dúvida, com provocações que não trazem respostas fechadas, mas inspiram a continuidade da conversação, portanto, o

diálogo: “Pois uma das ambivalências do ensaio é seu caráter a um tempo monológico e dialógico, isto é, ser monólogo em busca de resposta” (FLUSSER, 2007b, p. 108).

Assim, não é estranho que entre os seus escritos, na tentativa de buscar a compreensão de seu próprio percurso, esteja uma narrativa autobiográfica, *Bodenlos*, cruzamento entre discursos e diálogos dos quais Flusser participou e entre os quais procurou engajar-se (ou encaixar-se / desencaixar-se). Reconhecemos em Flusser, a partir da nossa concepção de narrativa como uma forma de mediação da experiência (SILVA; SANTOS, 2015), a utilização de um método narrativo para expor suas concepções de mundo, conectado à fenomenologia. Deste modo, podemos compreender seus ensaios como formas mediadoras dos fenômenos humanos, capazes de auxiliar na representação, interpretação, identificação, crítica e, mais do que isso, na proposição de novas realidades ou, no mínimo, na antecipação de cenários atrelados à visão dos fenômenos sociais descritos, narrados e problematizados pelo autor.

6 Considerações finais

Compreendemos *Bodenlos* como uma narrativa autobiográfica tecida à base de discurso, diálogo e conversação, numa relação Eu-Tu. Se a pessoa buberiana (ou o sujeito em projeto flusseriano) é composta por relações, uma autobiografia só poderia ser construída por meio de diálogos. Em alguma medida, *Bodenlos* aponta para a própria concepção flusseriana de comunicação: se esta é a dinâmica entre diálogos e discursos, o texto do livro é um discurso intermediário entre dois diálogos. A partir do diálogo com cada interlocutor, é construído o discurso apresentado no capítulo respectivo àquela pessoa. Ao mesmo tempo, ao apresentar um tom provocativo nesses discursos, Flusser convida para novos diálogos, dessa vez entre o texto e seus leitores.

A primeira parte (Monólogo) é um diálogo do Flusser naturalizado brasileiro com o desenraizado que cresceu na cultura judaico-tcheca, falante do tcheco e do alemão, que se impregnou de uma cultura praguense indelével. Há o retorno do olhar de um Flusser mergulhado na cultura brasileira – inclusive no momento em que já começa a se desenraizar desta cultura – mas que olha para esse passado e se põe em diálogo consigo mesmo, feito por meio da ressignificação do passado.

Nesse ínterim, percorre a Praga da infância, a Praga devastada pela guerra, a sensação de libertação por ver uma Praga destruída, o nazismo, a Inglaterra sitiada e a

certeza de que seria assassinado. Por essa certeza, vem para o Brasil, o que significa um abandono de tudo aquilo que fazia sentido para ele – a Europa deixa de ser o centro do mundo, e ele só pode continuar existindo indo para um território completamente exótico. Sai do sem sentido de uma cultura perdida para o sem sentido de uma cultura desconhecida. Já em São Paulo, inicia uma guerra com ele mesmo, na tentativa de compreender essa cultura da qual passa a participar, deixando-se dominar pela língua para engajar-se, dominar e intervir nessa cultura, tornando-se ensaísta brasileiro.

Sua interferência na realidade brasileira se faz na segunda parte (Diálogos), com as relações que começam a ser estabelecidas com os seus interlocutores. Se na primeira parte encontramos o diálogo como compreensão de si, na segunda encontramos os diálogos, apresentados em narrativas, sobre o quanto o ensaísta pensa que seus interlocutores o atingiram. Polemista, deixa esses posicionamentos em aberto, para que o leitor consiga também entrar nesse diálogo.

Apresenta também um redimensionamento para a ideia de discurso e diálogo, apontando o discurso como a propagação de um valor já validado, de modo que o emissor é detentor de valores que quer passar para os outros. No diálogo, por sua vez, existe uma tentativa de validação de valores, colocando à prova informações duvidosas e duvidadas. Em sua autobiografia, Flusser se põe à prova a partir do momento em que retoma sua origem. Ao colocar-se em diálogo, os valores daquele Flusser-que-era são postos em xeque na relação com o Flusser-que-se-tornou.

Trazer a memória da infância, que poderia ser um discurso, torna-se um diálogo na medida em que ele, no tempo presente, revisita o passado e, de posse daqueles valores do passado, olha para aquele tempo e o (re)valida, criando informação nova na interlocução entre passado e presente. Ainda, quando narra sobre seus interlocutores, mostra os discursos com os quais ele cruzou os seus próprios, e o quanto esses discursos se tornaram diálogos na medida em que ele põe seus interlocutores e a si mesmo à prova. Ao transmitir isso para o leitor, Flusser projeta um discurso que se torna novamente um diálogo, colocando um valor que é duvidado. Ao leitor, em posse de seu próprio repertório, cabe ou não validar tal informação.

Por meio da narrativa, ele faz uma aproximação fenomenológica da realidade, (re)construindo, criticando, interpretando, (re)criando e até projetando cenários – característica recorrente em outras obras nas quais aparecem narrativas similares. Dessa

forma, a narrativa é, ela mesma, falta de sentido e busca de sentido, por meio da manutenção da dúvida e por meio da tentativa de engajamento. A autobiografia é uma forma de captar parcialmente essa relação para que ela possa servir de espelho para o outro. Assim, a narrativa é um modo de materializar a possibilidade de comunicação com o outro e, em alguma medida, um alento diante da própria angústia do existir.

Referências

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007b.

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia**: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade**. São Paulo: Annablume, 2007a.

GABRIEL, Gisele; SILVA, Míriam Cristina Carlos. O poético na comunicação ambiental: reflexões a partir da campanha A Natureza está falando. **Triade**, Sorocaba, v. 7, n. 15, 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/8b72N4S>. Acesso em: 22 mai. 2021.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião**: a construção de vínculos religiosos no ciberespaço. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

PASCAL, Blaise. **Pascal's Pensées**. New York: E. P. Dutton, 1958. Disponível em: <https://cutt.ly/eb7CpH7>. Acesso em: 22 maio 2021.

PICHIGUELLI, Isabella; SILVA, Míriam Cristina Carlos. Comunicação, poesia e o religare. **Comunicologia**, Brasília, v. 10, n. 2, 2017. Disponível em: <https://cutt.ly/db79sqN>. Acesso em: 22 maio 2021.

SILVA, Miriam Cristina Carlos. A comunicação como artifício: uma leitura sobre Vilém Flusser. **Teorias dos meios de comunicação no Brasil e no Canadá**, v. 1, p. 259-272, 2013.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: Uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **E-Compós**, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/Tnzdf8H>. Acesso em: 03 jun. 2021.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010, p. 51-61.

WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade**: o uso humano de seres humanos. São Paulo: Cultrix, 1968.